

A CONDIÇÃO FEMININA NOS CONTOS  
«I LOVE MY HUSBAND», DE NÉLIDA PIÑÓN,  
E «AMOR», DE CLARICE LISPECTOR

Rejane Queiroz

*en*

Nélida Piñón

en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nélida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑÓN  
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS



A CONDIÇÃO FEMININA NOS CONTOS  
«I LOVE MY HUSBAND», DE NÉLIDA PIÑON,  
E «AMOR», DE CLARICE LISPECTOR

Rejane Queiroz

*en*

Nélida Piñon  
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

# ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca  
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021  
978-84-1311-326-5 (PDF)  
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca  
<http://www.eusal.es>  
[eusal@usal.es](mailto:eusal@usal.es)

*Impreso en España-Printed in Spain*

Maquetación, impresión y encuadernación:  
GRÁFICAS LOPE  
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»  
[www.graficaslope.com](http://www.graficaslope.com)  
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.  
Ni la totalidad ni parte de este libro  
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de  
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego  
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE  
Unión de Editoriales Universitarias Españolas  
[www.une.es](http://www.une.es)



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).  
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]  
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés  
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).  
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.  
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

# Índice<sup>1</sup>

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i> .....	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

<sup>1</sup> Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Nélida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

# A CONDIÇÃO FEMININA NOS CONTOS «I LOVE MY HUSBAND», DE NÉLIDA PIÑON, E «AMOR», DE CLARICE LISPECTOR

Rejane Queiroz

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura comparativa de dois contos de duas grandes vozes femininas da literatura brasileira, a saber: Nélida Piñon e Clarice Lispector. Primeiramente, esboçamos uma breve reflexão sobre a condição da mulher na família e na sociedade ao longo do tempo. A seguir os contos «I love my husband» (1980) e «Amor» (1960) que nos permitem realizar uma análise, sob o prisma literário, da duplamente oprimida condição feminina: na sociedade e no seio da família. A sufocada voz das protagonistas de Nélida e Clarice revela-nos perturbadoras sensações de mulheres presas a convenções sociais e a papéis estabelecidos pela sociedade e pela família.

PALAVRAS-CHAVE: Voz feminina, Condição da mulher, Opressão, Convenção social.

«LA CONDICIÓN FEMININA EN LOS CUENTOS 'I LOVE MY HUSBAND',  
DE NÉLIDA PIÑON, Y 'AMOR', DE CLARICE LISPECTOR»

RESUMEN: Este artículo propone una lectura comparativa de dos cuentos de dos grandes voces femeninas de la literatura brasileña: Nélida Piñon y Clarice Lispector. En primer lugar, esbozamos una breve reflexión sobre la condición de la mujer en la familia y en la sociedad a lo largo del tiempo. Los relatos «I love my husband» (1980) y «Amor» (1960) nos permiten realizar un análisis, desde el prisma literario, de la doblemente oprimida condición femenina, en la sociedad y en la familia. La voz sofocada de las protagonistas de Nélida y Clarice nos revela perturbadoras sensaciones de mujeres presas de convenciones sociales y de los roles establecidos por la sociedad y por la familia.

PALABRAS CLAVE: Voz femenina, Condición de la mujer, Opresión, Convención social.

«THE FEMININE CONDITION IN THE STORIES 'I LOVE MY HUSBAND',  
OF NÉLIDA PIÑON, Y 'AMOR', OF CLARICE LISPECTOR»

**ABSTRACT:** This article proposes a comparative reading of two short stories of two great female voices of Brazilian literature: Nélida Piñon and Clarice Lispector. First, we outline a brief reflection on the condition of women in the family and in society over time. Following are the short stories «I love my husband» (1980) and «Amor» (1960) that allow us to analyze, from the literary point of view, the doubly oppressed female condition: in society and within the family. The stifled voice of Nélida and Clarice's protagonists reveals disturbing feelings for women bound by social conventions and roles established by society and family.

**KEYWORDS:** Female voice, Women's condition, Oppression, Social convention.

### 1. A HISTÓRIA DA MULHER, A MULHER NA HISTÓRIA

**P**ARA FALAR DE CONDIÇÃO FEMININA é necessário traçar um panorama da vida da mulher na sociedade, desde os tempos remotos até os dias atuais. Faz-se mister entender o papel que lhe era atribuído em cada etapa da História e identificarmos em que momento as relações de poder se configuraram em desvantagem para a figura feminina.

Segundo Zuleika Alambert, não se pode falar de desigualdade entre homens e mulheres na aurora da civilização humana, já que naquele tempo não existiam povos nem Estados separados. Os humanos viviam em pequenos grupos ou hordas e, posteriormente, em famílias e tribos. Os seres humanos mantinham-se agregados para defender-se de ataques de animais ferozes e das intempéries climáticas. «Quem se marginalizava percia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres» (2004: 27).

Assim, pois, na Pré-história homens e mulheres viviam em harmonia e o papel das mulheres era destacado, embora não fossem detentoras de mais poder do que os homens. No entanto, com o desenvolvimento das técnicas de trabalho e a descoberta/invenção de instrumentos, a sociedade tornou-se mais complexa. Surgem grupos para executar tarefas específicas dando origem a uma sociedade mais plural, momento em que a sociedade comunal primitiva entra em desagregação com o advento de dominados e dominadores e o aparecimento do patriarcado.

Toda a Idade Média é marcada por um discurso de superioridade masculina e condição subalterna da mulher desde a Antiguidade, sem nenhum indício de reivindicação feminina em prol de seus direitos (*Ibidem*: 29). Contudo, não estavam inativas e como afirma Alambert,

fizeram-se presentes no movimento comunitário e nas Cruzadas, assim como participaram na luta pela emancipação urbana na França, em fins do século XI e no começo do século XII. Graças às mulheres, Saint Quentin recebeu a primeira carta de Comuna. Elas tinham nisso um interesse histórico. Pensavam que a sujeição da mulher tornava-se menor conforme se conscientizavam de serem esposas de um ser menos subordinado. (2004: 29-30)

O Renascimento, período de renovação da cultura e moral clássicas, possibilita a ambos os sexos conquistas no campo científico, artístico, etc. Momento em que algumas mulheres se destacam, como Catarina Cornaro, rainha de Chipre, Jerusalém e Armênia, que se rodeou de uma corte erudita. Embora o nome de maior destaque dessa época seja o de Marie de Gournay, considerada filha adotiva de Montaigne. A rainha Isabel, a católica, da Espanha, também é uma referência do poder e influência que algumas mulheres conquistaram. Se bem que, no Renascimento, o direito à instrução da mulher tenha sido declarado, a verdade é que a cultura era negada às mulheres de classe média e baixa, pois continuavam sendo analfabetas (Alambert, 2004: 31).

O século XVIII, o século das revoluções, é um período de intensa «participação das massas» (*Ibidem*: 32) e também das mulheres. Este século é marcado por grandes transformações nos hábitos e costumes na Europa, e também nas relações humanas. Sob o auspício da Revolução Francesa, difusora de ideias liberais, homens e mulheres assumem nova atitude tanto no convívio privado quanto no coletivo e o *status* da mulher começa a mudar em função do desenvolvimento da sociedade.

Em decorrência desses novos acontecimentos, muitas mulheres se destacaram e participaram de duros embates em vários países. Na França, em 1791, Olympe de Gouges escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, paralelamente à Declaração dos Direitos do Homem, onde pede que sejam abolidos todos os privilégios masculinos. Por suas ideias avançadas, foi guilhotinada em 1793. Na Grã-Bretanha, em 1792, Mary Wollstonecraft escreve *A reivindicação dos Direitos da Mulher*, expondo e apresentando o início de uma tomada de consciência em relação à luta pelos direitos da mulher (*Ibidem*: 33).

Também no Brasil esse foi um momento de grandes transformações na sociedade, a ida da família real portuguesa, em 1808, no princípio do século XIX, para a então capital brasileira, propiciou grandes reformas administrativas, culturais e socioeconômicas. Instalaram-se no Rio de Janeiro indústrias, instituições de ensino superior, imprensa régia, a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico e um modo de vida europeu. Ocorreu uma mudança no comportamento das mulheres da classe superior urbana, que eram frequentemente vistas nos teatros, festas da família real e recepções, que haviam deixado para trás o «enclausuramento» doméstico, apesar de estarem sempre acompanhadas por uma figura masculina.

A segunda metade do século XIX foi um momento marcado pelo movimento emancipacionista em que a mulher buscava o direito ao voto, à instrução e à prática de profissões liberais. Este movimento estendeu-se da Grã-Bretanha a outros países europeus. Se por outro lado, a Revolução Industrial requeria, para o seu êxito, a participação da mulher na construção dessa nova sociedade industrializada, por outro, as aspirações femininas não foram alcançadas, uma vez que o movimento emancipacionista não rendeu os resultados que dele se esperavam (*Ibidem*: 34).

O movimento feminista avança à etapa reformista com o fim da Comuna de Paris e o surgimento do marxismo, fase que se estenderá até o final da Segunda

Guerra Mundial. Os marxistas viam a contradição mulher-sociedade como tema central enquanto as mulheres defendiam que a contestação prioritária se centrava em homem-mulher. «Tendo como pano de fundo essa polêmica, as mulheres lutaram e conquistaram uma série de reivindicações no plano de trabalho e dos direitos políticos» (*Ibidem*: 35).

A expansão capitalista e a valorização da pessoa pela sua capacidade de produção bem como o direcionamento do indivíduo a viver em função de garantir suas necessidades de sobrevivência e de sua família introduzem alterações significativas nas relações sociais que se refletem nas relações familiares. Especialmente nas classes trabalhadoras, em relação aos papéis feminino e masculino, passa a ter mais peso aquele que mais contribui economicamente na renda familiar. Prevalece a figura masculina, pelo maior acesso ao mercado de trabalho, e pela maior valorização do seu salário.

Segundo Alambert, a Revolução Cultural de 1968 nascida entre os estudantes da universidade de Nanterre, na França, propiciou um novo salto reivindicativo para as mulheres em consonância com sua proposta libertária (2004: 37). No entanto, apesar de muitos avanços, somos testemunhas de que a igualdade entre homens e mulheres ainda não é uma realidade em todos os âmbitos nem em todas as culturas.

## 2. A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

No âmbito da arte literária, até a metade do século XX os discursos dominantes circunscreviam espaços privilegiados de expressão, sufocando as produções «menores» de autoria da minoria ou dos marginalizados. De um lado, as obras canônicas; do outro, as obras provenientes de segmentos marginais como mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários.... Para Zolin,

a considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de «contaminar» os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. (2009: 106)

Nesse sentido, a representação, por fim, distancia-se da concepção hegemônica/canônica e dá voz à diversidade de percepções sociais, notadamente de identidades femininas antipatriarcais. Contudo, a literatura brasileira de autoria feminina, apesar de ter iniciado seu percurso em meados do século XIX, sempre esteve à margem do cânone literário.

A inglesa Elaine Showalter escrutina o percurso literário inglês referente às obras de autoria feminina, identificando três momentos. O primeiro, a etapa *feminine*, é prolongado e caracteriza-se pela imitação; o segundo, a *feminist*, trata-se de uma espécie de ruptura. E, por último, a fase da autodescoberta, uma espécie de busca da identidade, denominada *female*.

No Brasil, Elódia Xavier aplica a teoria de Showalter à literatura de autoria feminina brasileira. E em seu ensaio «Narrativas de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória» (2009), a pesquisadora seleciona escritoras e obras tomadas como as mais representativas de cada fase. A primeira etapa inicia-se com a publicação de *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, uma das primeiras obras literárias brasileira de autoria feminina, estendendo-se aproximadamente até 1944, quando Clarice Lispector publica *Perto do coração selvagem* (1943), dando início à fase feminista e rompendo com o aspecto patriarcal e opressor. Segundo Xavier, Nélida Piñon apesar de pertencer à fase feminista é a responsável por inaugurar a seguinte fase, a fêmea, com *A república dos sonhos* (1984), colocando em discussão os padrões e valores patriarcais, inaugurando assim uma nova maneira de representar a mulher.

A representação da mulher nos contos «Amor», de Clarice Lispector, e «I love my husband», de Nélida Piñon, está circunscrita ao âmbito familiar, notadamente dentro do casamento. As suas protagonistas, segundo a classificação da crítica literária feminista, são mulheres-objeto, caracterizadas pela sua submissão, resignação e ausência de voz.

### 3. «AMOR» – A CONDIÇÃO FEMININA EM CLARICE LISPECTOR

O poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, em *Análise estrutural de romances brasileiros* (1975), defende que há quatro passos básicos estruturais nos textos clariceanos, especialmente presentes em «Amor». Para o crítico, estas são as etapas: (1) há a colocação da personagem numa determinada situação; (2) a preparação de um evento ou incidente discretamente sentido; (3) a ocorrência do incidente ou evento; (4) e o desfecho em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou incidente (1975: 190). Ou seja, Clarice situa a protagonista numa situação-modelo e num momento-clímax, ela diante do imprevisto devido a um motivo insignificante muda a sua sensação vital e a percepção do mundo, que a conduz a uma reflexão metafísico-existencial.

No conto esses quatro estágios da narrativa são: (1) A protagonista Ana, dona de casa no Rio de Janeiro, aparentemente sem nenhuma ambição, volta das compras num bonde, deixando o seu espírito divagar. A protagonista do conto é, dentro da estrutura patriarcal, uma mulher típica e normal. Boa esposa e mãe, uma burguesa de classe média. É descrita como uma mulher ativa, dedicada à vida familiar e à manutenção da casa. Com as numerosas tarefas que a vida de mãe e dona de casa acarreta, tem a sua mente ocupada durante a maior parte do tempo. O seu lugar é na cozinha. Na aparente liberdade, desconhecendo outros modos de viver, o seu destino escolheu-o ela mesma, «ela plantara as sementes que tinha na mão» (Lispector, 2000: 212).

Por outro lado, o «destino de mulher» já tinha sido traçado e ela viera a cair nele «com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado» (*Ibidem*: 213). A «fortuna» de cuidar do lar não preenche todo o seu tempo, durante a tarde,

contudo, havia a «hora perigosa» em que se encontrava disponível para se concentrar em si mesma, começando a refletir sobre a sua vida e o percurso que a conduzira até aquele ponto: «Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisa de sua força, inquietava-se» (*Ibidem*: 212).

Para evitar estes instantes «perigosos», bem conhecidos por ela, Ana entrega-se às tarefas dignas de uma mulher casada, sufocando assim a sua identidade original («íntima desordem», «felicidade insuportável», *Ibidem*: 213) e os seus antigos anseios («o seu desejo vagamente artístico», *Ibidem*: 212). Para realçar a passiva entrega de Ana ao sistema dominante, o narrador aproveita-se repetitivamente da frase: «assim ela o quisera e escolhera» (*Ibidem*: 213).

Ana silenciara-se e sufocara-se em prol de uma vida normal imposta por uma sociedade patriarcal. Repetia-se a si mesma que a sua juventude, quando ainda não cumpria o seu papel de mulher-objeto, parecia-lhe uma «doença de vida»:

Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera. (*Ibidem*: 213)

(2) Ana vê um cego mascando chicles, esta singela ação a prende metaforicamente com sua existência inquietante e põe-na em desequilíbrio com o mundo, enfatizado pelo derramar das suas compras. «Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê» (*Ibidem*: 214). Antes dessa epifania, Ana demonstrara numa só ocasião ser um autêntico ser humano – os instantes perigosos que vivia durante as tardes. Esse confronto com a realidade (o cego que mascava chicles), desperta-lhe um mundo há muito adormecido no seu interior, no qual não sabe como se comportar nem que papel desempenhar. Sua essência soterrada começa a emergir e depara-se com uma situação que não sabe como enfrentar. A vida perfeitamente arrumada em que um dia seguia o outro. Subitamente surge o cedo e o bonde arranca, «mas o mal estava feito»:

Teria esquecido que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiram antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. [...] Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram. (*Ibidem*: 214-215)

(3) Atônita com a situação inesperada, desesperada e desesperante, Ana passa do seu ponto e entra no Jardim Botânico, cuja atmosfera a envolve numa profunda reflexão. Este novo estado de Ana, indesejável e aprazível ao mesmo tempo, é expresso por figuras de linguagem frequentes no texto clariceano como «prazer intenso ... sofrendo espantada», «uma bondade extremamente dolorosa» e uma «náusea doce» (*Ibidem*: 215). «Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias de beleza e visão, existe também uma outra, de epifanias críticas e corrosivas, seguidas de náuseas ou tédio» (Sá, 2000: 200).

E é essa que experimenta a nossa protagonista, Ana. No Jardim Botânico, deixa-se dominar pelas sensações que a natureza lhe sugere, arrastando-a à reflexão de que

ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo que um dia se seguisse o outro. E um cego mascarando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (Lispector, 2000: 215)

Também sua vida familiar podia ser tão selvagem como a natureza que a envolvia. Ana perde o controle de si mesma e passa a questionar os seus próprios valores. Defronta-se com a realidade em que os modelos instituídos em conformidade com a sociedade, repressores das liberdades individuais:

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. (*Ibidem*: 215)

(4) Ana volta a casa e às suas obrigações familiares, domésticas e cotidianas. «Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, *sua alma batia-lhe no peito* – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu» (*Ibidem*: 217- o grifo é nosso). Após o torturante conflito interior, insere-se de novo na «legião de pessoas invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria» (*Ibidem*: 213).

O ideal burguês é destacado e ironizado com a imagem da família à mesa, «cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano» (*Ibidem*: 218). Corações controlados e civilizados, numa tentativa de harmonia social, que está por cima das exigências pessoais e íntimas.

O que seria de Ana? «O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria para envelhecer de novo?» (*Ibidem*: 218) «Acabara-se a vertigem e a bondade. E, se atravessara o amor e o inferno, penetrava-se agora diante do espelho, por um instante nenhum mundo no coração» (*Ibidem*: 219).

Para Affonso Romano de Sant'Anna, a mais importante das quatro unidades funcionais da narrativa clariceana é a terceira já que nela ocorre a epifania, marca fundamental, segundo o crítico, de toda a obra narrativa da autora e que detém o poder da clarividência das suas patéticas e comportadas vidas.

O conto «Amor», trata-se, pois, de uma das narrativas curtas mais típicas de Clarice Lispector, dado que nele aparece um tema caro à autora: uma protagonista feminina que de súbito entra em conflito consigo mesma e com o seu mundo cotidiano imposto pela convenção social.

#### 4. A LINGUAGEM FEMININA EM «I LOVE MY HUSBAND» DE NÉLIDA PIÑÓN

Publicado vinte anos após «Amor» da coletânea de contos *Laços de família* (1960), o conto de Nélide é um relato breve em que o tema da mulher e suas relações sociais, recorrente em obras anteriores, é novamente resgatado.

Numa entrevista a Alexandre Machado em 4 de janeiro de 1998, Nélide afirma que «escrever conto foi difícil, um desafio novo. Foi quando conheci as diferenças das linguagens e o medo de dar concretude em relação ao romance. O tempo é diferente, o espaço é diferente. O romance prolifera o espaço. O conto é uma ilha» (Nascimento, 2015: 65). Mas como ressalta Dalma Nascimento, podia ser certo que uma autora como Piñón de tão magnífica trajetória falasse de dificuldades reais? O único desafio que pode ter enfrentado a autora é o da contenção. Deve ter sido penoso podar a exuberância da sua imaginação, trabalhoso contê-la «já que nos voos imaginário, elas vão desabrochando em profusão e pousam na pena de Nélide, em incandescentes imagens» (*Ibidem*: 67). Mas tal limitação espacial, metaforicamente representada pela «ilha», não impediu que em «I love my husband», considerado por Moriconi como um dos cem melhores contos brasileiros do século XX, a autora tecesse uma trama vibrante, de gritantes silêncios.

Segundo Zolin, neste conto, Nélide «constrói a personagem feminina de uma maneira diversa do modo como vinha fazendo nas obras [anteriores ...], mas o mesmo posicionamento crítico é mantido» (2008: 22). A linguagem do senso-comum e a linguagem da mulher entram em embate através dos constantes fluxos de consciência da protagonista e os escassos momentos que estes se transformam em brevíssimos diálogos com o marido, com a utilização do discurso indireto livre. Nesta narrativa homodiegética, a protagonista está inserida num modelo patriarcal em que sua voz e seus desejos são sufocados pelas convenções sociais ligadas ao casamento.

Na primeira sequência narrativa, o espaço é o interior de uma casa em que a sua dona relata os seus afazeres domésticos e como ela é partícipe do sucesso profissional de seu marido e de uma vida conjugal perfeita. Uma história permeada de ironias e silêncios. São ações diárias praticadas no âmbito do lar. Observe-se a seguinte passagem:

Mal acordo ofereço-lhe café, [...] fico em casa lavando a louça, fazendo compras [...] sou a sombra do homem que todos dizem eu amar. Deixo que o sol entre pela casa, para dourar os objetos comprados com o esforço comum. Embora ele não me cumprimente [...] Eu peço então que compreenda minha nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher, ele franze o rosto como se eu lhe estivesse propondo uma teoria que envergonha a família e a estrutura definitiva do nosso apartamento. (Piñon, 2008: 51-52)

As personagens de «I love my husband» não têm nome, são representantes de uma coletividade de uma sociedade patriarcal. Neste modelo de família burguesa ideal o homem é o chefe da família, provedor e mantenedor da casa, e a mulher, sua propriedade:

O que mais quer mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens? E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum. (*Ibidem*: 52)

A segunda sequência é marcada por um fugaz momento de rebeldia da narradora, impulsionado pela perturbadora declaração do marido de que ela, como sua mulher, pertence só a ele, nem mesmo a ela própria. Recorde-se o seguinte excerto:

A ideia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar as minhas mãos [...]. (*Ibidem*: 52)

Então, segue-se a reação e a menção ao futuro, no qual nunca ousou interferir porque pertencia ao mundo masculino, do marido; e, a seguir, por meio da construção imaginária e metafórica, proclama sua liberdade e poder de dominação sobre si e seu desejo:

Olhei meus dedos revoltada com as unhas longas pintadas de roxo. Unhas de tigre que reforçavam a minha identidade, grunhiam quanto à verdade do meu sexo. Alisei meu corpo, e pensei, acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, do ímpeto do sangue de um animal abatido num bosque? Ou porque o homem adorna-me de moda a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira? (*Ibidem*: 52)

Na terceira sequência, todavia, dá-se o retorno da narradora para a realidade do casamento sancionado pela ideologia burguesa. Arrependida e envergonhada por ter «perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte» (*Ibidem*: 55), ela veste a máscara e retorna à vida de mulher-objeto. Observem-se a seguintes passagem:

As palavras do homem são aquelas de que deverá precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento. [...] Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz [...]. (*Ibidem*: 57)

Apesar de ter contestado fugazmente o modelo patriarcal e sentir-se dona de si mesma, assume a linguagem social que a introjeta em si os termos de sua opressão. Segundo Zolin, «em «I love my husband», a linguagem patriarcal do senso-comum, no que se refere à discriminação social da mulher, é questionada, mas não é superada. O relato é permeado por um ambíguo e interessante jogo de opostos que contempla, de um lado, o inconformismo, a rebeldia, a mulher-sujeito; de outro, as aparências, a acomodação, a linguagem do senso-comum, a mulher-objeto» (Zolin, 2008: 24).

O final, de viés decepcionante e desconcertante a nossos olhos, antes de ser sinal de indiferença da autora em relação à causa da mulher, na verdade, dialoga com a realidade extraliterária de forma consciente e crítica. Como ressalta Zolin, embora a década de oitenta seja um período conhecido pela revolução feminista, em que a consciência crítica da mulher em relação a si própria e à sociedade em que vive atingiu graus bastante satisfatórios, ainda havia muito que se conquistar nos anos oitenta e também hoje, na segunda década do século XXI. A essência das relações ainda há discriminação sexista. Discriminação esta materializada nas diversas formas de resistência em relação à aceitação da ocupação pela mulher de determinados espaços incompatíveis com os papéis tradicionais atribuídos a ela pelo homem (*Ibidem*: 24).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarice Lispector e Nélida Piñon abordam a condição da mulher na sociedade patriarcal, a mulher presa ao casamento, às suas obrigações familiares e restrita ao lar. A mulher que renuncia seus sonhos, seus anseios e seus desejos mais recônditos para acomodar-se a um papel imposto por uma sociedade machista e burguesa, que dela espera a atitude de submissão.

A mulher, na maior parte de sua história, sempre esteve atada ao peso das convenções, dos papéis sociais e do determinismo de sexo, situação que ainda não foi superada nos dias atuais, o que nos leva a afirmar que as páginas de «Amor» e de «I love my husband» refletem a dolorosa realidade da qual ainda somos testemunhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alambert, Zuleika. (2004). *A mulher na história. A história da mulher*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira /FAP.
- Nascimento, Dalma. (2015). *Nélida Piñon entre contos e crônicas*. Niterói: Parthenon Centro de Arte e Cultura.

- Lispector, Clarice. (2000). «Amor». In Moriconi, Ítalo (org.), *Os Cem melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 212-219.
- Piñon, Nélide. (2008). *O calor das coisas*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Sá, Olga de. (2000). *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes.
- Sant'Anna, Affonso. (1975). *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes.
- Xavier, Elódia. (1999). «Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória». In *Revista Mulheres e Literatura*, Rio de Janeiro, ano 3, vol.1.
- Zolin, Lúcia Osana. (2009). «A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade». Em *Ipotesis*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 105 - 116, jul./dez.
- (2008). «A representação da mulher na narrativa de Nélide Piñon». Em *Interdisciplinar*, Itabaina, v. 5, nº 5, jan./jun., 0 - 37.

La obra literaria de Nélida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nélida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nélida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

O I Congresso Internacional de Literatura Brasileira: N. S. L. de Lima em La República de los Sueños recebeu um conjunto de trabalhos apresentados no âmbito do Salomão, no ano de 2018, que se abrem diante do saber debruçado sobre o mundo e a cultura, o pensamento e os fundamentos da literatura, suas formas e suas dimensões.

O encontro que promoveu uma interação entre os autores, em um espaço de diálogo e de troca de experiências e de conhecimentos, e também de uma reflexão sobre a sua prática e a sua atuação no campo da literatura e da cultura, e também de uma reflexão sobre a sua prática e a sua atuação no campo da literatura e da cultura, e também de uma reflexão sobre a sua prática e a sua atuação no campo da literatura e da cultura.

Com sua presença e sua contribuição com o conhecimento e a experiência, o encontro promoveu uma interação entre os autores, em um espaço de diálogo e de troca de experiências e de conhecimentos, e também de uma reflexão sobre a sua prática e a sua atuação no campo da literatura e da cultura, e também de uma reflexão sobre a sua prática e a sua atuação no campo da literatura e da cultura.

